



Queda no preço do bezerro limita alta do COT em 2016

Por Prof. Dr. Sergio De Zen, Rildo Moreira, Mariana Gomes, Guilherme Bettiol - Equipe Pecuária de Corte

Ainda nesta edição:

Quebra na produção de sementes aumentou o custo de reforma

Movimento dos preços dos insumos nutricionais no 1º tri/2017

Os custos de produção da pecuária de corte registraram discreta alta em 2016, segundo indicaram pesquisas do Projeto Campo Futuro, realizado pela CNA (Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil) em parceria com o Cepea (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada). No ano, o COT (Custo Operacional Total) da pecuária de corte subiu ligeiro 1,6%, considerando-se a “média Brasil” – vale lembrar que, em 2015, a alta havia sido de expressivos 11,5%. O aumento verificado no custo em 2016 esteve, inclusive, abaixo do verificado para a inflação (IPCA) no ano, de 6,3%.

Entre os estados, Mato Grosso do Sul acumulou alta de 5% no COT da pecuária de corte em 2016, ante os 11% no ano anterior. Já no Pará, os custos totais recuaram 4,8%, depois de acumular forte aumento de 21% em 2015.

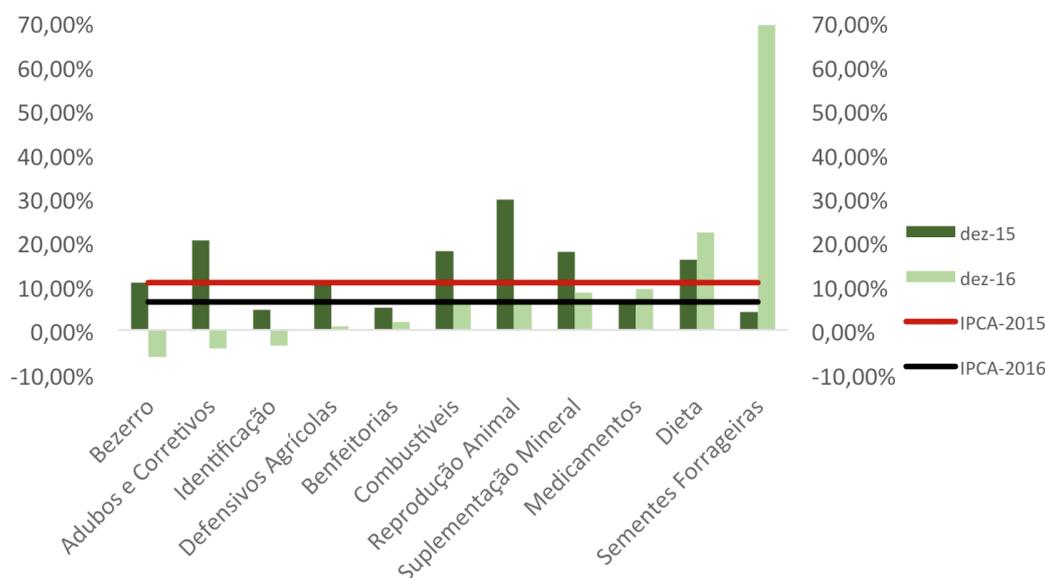
Segundo indicam pesquisadores do Cepea, a variação dos custos em 2016 foi limitada principalmente pelas quedas nos preços do bezerro – a compra de animais representou 45% do COT. Em Mato Grosso do Sul, o bezerro nelore desmamado, macho, entre 8 e 12 meses (representado pelo Indicador ESALQ/BM&FBovespa), acumulou recuo de 6,2% em 2016. No ano, a desvalorização mais intensa do bezerro, de 3,7%, foi verificada em maio. No Pará, onde os custos caíram no ano passado, o preço médio do bezerro recuou 11,6%.

Os menores preços do bezerro, por sua vez, estiveram atrelados ao aumento da oferta de animais, como consequência da maior retenção de matrizes em 2016,

estimulada pelas valorizações do animal em anos anteriores.

OUTROS INSUMOS – Com participação de 13% no COT em 2016, o grupo de suplementação mineral acumulou alta de 8,6% no ano, contra os 17% em 2015. O aumento desse insumo foi limitado pela queda do dólar – o fosfato bicálcico, uma das matérias-primas utilizadas na produção de sal mineral, é importado. A moeda norte-americana se desvalorizou 17% frente ao Real no acumulado de 2016, ante uma forte alta de 46% em 2015. Regiões onde há maior consumo de sal mineral, proteico e energético, como Bahia, Minas Gerais, São Paulo, Goiás e Mato Grosso, a desvalorização do dólar proporcionou ao produtor, inclusive, menores gastos com o insumo.

O grupo de sementes forrageiras, por sua vez, subiu expressivos 69% no balanço de 2016, refletindo principalmente a menor produção, devido ao déficit hídrico no decorrer de 2015 (El Niño). Além disso,



frente ao IPCA em 2015 e 2016. Fonte: Cepea/CNA.

a maior demanda pelo insumo para reforma de pastagem na época das chuvas no ano passado reforçou o movimento altista. Com participação inferior a 2% do COT, o grupo de sementes forrageiras acaba não influenciando no aumento dos custos anuais. Outros insumos, como defensivos agrícolas, adubos e corretivos tiveram queda no preço em 2016, mas,

por também não serem representativos nos custos do produtor, não refletiram na evolução do COT.

2017 – Com a expectativa de safra recorde de grãos neste ano, devido ao clima favorável, os preços do milho vêm caindo em 2017, o que pode elevar o número de animais confinados. Segundo a ASSOCON

(Associação Nacional dos Confinadores), o número de animais confinados pode ultrapassar quatro milhões de cabeças. Produtores de corte de Mato Grosso e de Goiás devem ser os mais favorecidos pelas quedas nos preços do grão, devido à maior disponibilidade do produto.

Quebra na produção de sementes impacta reforma de pastagens no Centro-Oeste

Por Prof. Dr. Sergio De Zen, Rildo Moreira, Vitor Soares, Mariana Gomes e Muller Almeida - Equipe Pecuária de Corte

O aumento de 71% no valor das sementes forrageiras no Centro-Oeste elevou os custos da reforma das pastagens em 2016. A baixa oferta e o característico aumento da demanda no segundo semestre do ano foram os principais motivos para a valorização do insumo. E no cenário internacional, as exportações brasileiras reduziram devido aos altos preços e à oferta reduzida. Totalizaram 7.552 toneladas em 2016, contra 8.571 no ano anterior.

Em 2015, o fenômeno climático El Niño prejudicou a safra brasileira de sementes forrageiras, pressionando as cotações das principais espécies utilizadas no Brasil. As melhores condições climáticas de plantio no segundo semestre de 2016, devido a retomada das chuvas, aumentaram a demanda por este insumo.

Segundo os levantamentos do Projeto Campo Futuro realizado pela CNA (Confederação da Agricultura e Pecuária do

Brasil) em parceria com o Cepea (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada) os principais custos com a reforma de pastagens são semente e operações mecânicas. Em Mato Grosso do Sul houve a maior alteração na composição destes custos. As sementes forrageiras que representavam 37% em jan/16 passaram a representar 51% em dez/16. Isto acabou diminuindo a representatividade das operações mecânicas que era o principal custo. Já em 2017, no primeiro trimestre do ano, este insumo passou a representar 45% dos custos da reforma. Isto ocorre devido à queda nos preços das sementes em função da redução na demanda.

Cenário semelhante foi observado em Mato Grosso. Os principais grupos de custos no primeiro semestre de 2016 na formação de pastagens foram operações mecânicas e sementes. Já no segundo período do ano, assim como em Mato Grosso do Sul, esses grupos passaram a representar 36% e 55%, respectivamen-

te. No primeiro trimestre de 2017 a valorização da semente mantém e este grupo passa a pesar em média 59% do COE.

Em Goiás, por outro lado, a semente forrageira é o principal componente na reforma de pastagens, representando mais da metade dos custos. Isto se deve à maior utilização deste insumo em comparação com os demais estados do Centro-Oeste. De acordo com o levantamento do Projeto Campo Futuro, Goiás utiliza 24,33 quilos de semente por hectare, enquanto que MT e MS utilizam 14,89 e 13,5 quilos, respectivamente.

Dessa forma, o pecuarista deve se atentar ao planejamento das reformas com antecedência. A aquisição de insumos para o plantio em épocas de menor demanda (época de seca devido as más condições climáticas para reforma) podem reduzir os custos.

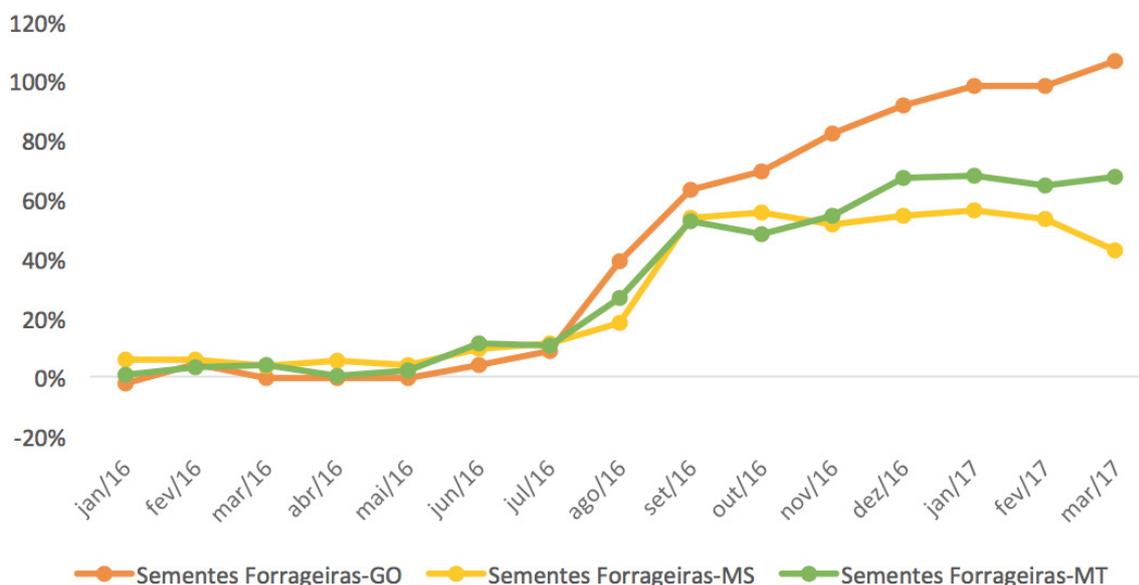


Figura 1. Variação acumulada de das sementes forrageiras nos estados do Centro – Oeste em 2016. Fonte: Cepea/CNA.

Movimento dos preços dos insumos nutricionais no 1º quadrimestre/2017

Por Prof. Dr. Sergio De Zen, Ana Paula Negri, Beatriz Jorge, Jaqueline Passos - Equipe Pecuária de Corte Cepea

Contrariando o ocorrido em 2016, os grupos de dieta e suplementação mineral registraram queda de janeiro a abril deste ano, de 8,3% e 0,5%, respectivamente. Já as sementes forrageiras apresentaram estabilidade, acumulando variação positiva de 0,1% no quadrimestre, ante os 6,6% de igual intervalo de 2016. Ambos na “média Brasil” (AC, BA, GO, MA, MG, MS, MT, PA, PR, RO, TO, SP e RS), com base nos levantamentos do Projeto Campo Futuro, realizado pela CNA (Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil) em parceria com o Cepea (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada). (Figura 1).

DIETA ANIMAL – Milho e soja são as principais fontes energética e proteica, respectivamente, na composição de rações e concentrados. Dessa forma, a safra recorde de grãos este ano, favorece a redução nos preços dos insumos utilizados na dieta animal devido a expressiva oferta no mercado nacional.

O milho se desvalorizou expressivos 42% em abril deste ano, frente ao mesmo período de 2016, considerando-se

a média mensal do Indicador ESALQ/BM&FBovespa (região de Campinas – SP), de R\$ 28,31/saca de 60 kg, a menor, em termos nominais, desde novembro de 2015. Também podem ser observadas quedas acentuadas para a soja no mesmo mês, cotada a R\$ 78,04/saca de 60 kg na média mensal do Indicador (porto de Paranaguá), menor valor deste ano.

Ao longo do quadrimestre, a maior queda desse grupo ocorreu em abril, de 4,4%, também na “média Brasil”. Em igual intervalo do ano passado, as variações de preços eram positivas, com destaque para janeiro, de 6,7%.

SUPLEMENTAÇÃO MINERAL – O grupo, que é composto por núcleos minerais, ureia pecuária e pelos sais branco, mineral, nitrogenado e proteinado, é usado para suprir as demandas nutricionais do animal permitindo o maior aproveitamento do potencial de produção do rebanho.

Após sucessivas quedas no último quadrimestre de 2016, os suplementos minerais registraram leve reação de 0,3%

em janeiro, na “média Brasil”, voltando a recuar nos meses seguintes – em fevereiro, março e abril, acumulou baixa de 0,8%. No mesmo período do ano anterior, acumulavam elevação de 7%. O sal mineral 40g de P – 25 kg, comercializado na média de R\$ 53,50 no primeiro quadrimestre de 2016, baixou para R\$ 48,75 neste ano, na “média Brasil”.

SEMENTES FORRAGEIRAS - Depois de acumular forte alta de 55% em 2016, o grupo de sementes forrageiras iniciou o ano com aumentos menos intensos, de 2,1% em janeiro e 0,8% em fevereiro, na “média Brasil”. Mesmo no acumulado do primeiro quadrimestre ficarem estáveis, em março e abril, os valores das sementes forrageiras apresentaram queda de 2,8%, refletindo a diminuição na demanda, uma vez que o período de reforma das pastagens se encerra junto à época das águas. Nos primeiros quatro meses de 2016, a variação acumulada por este grupo foi positiva em 6,6%

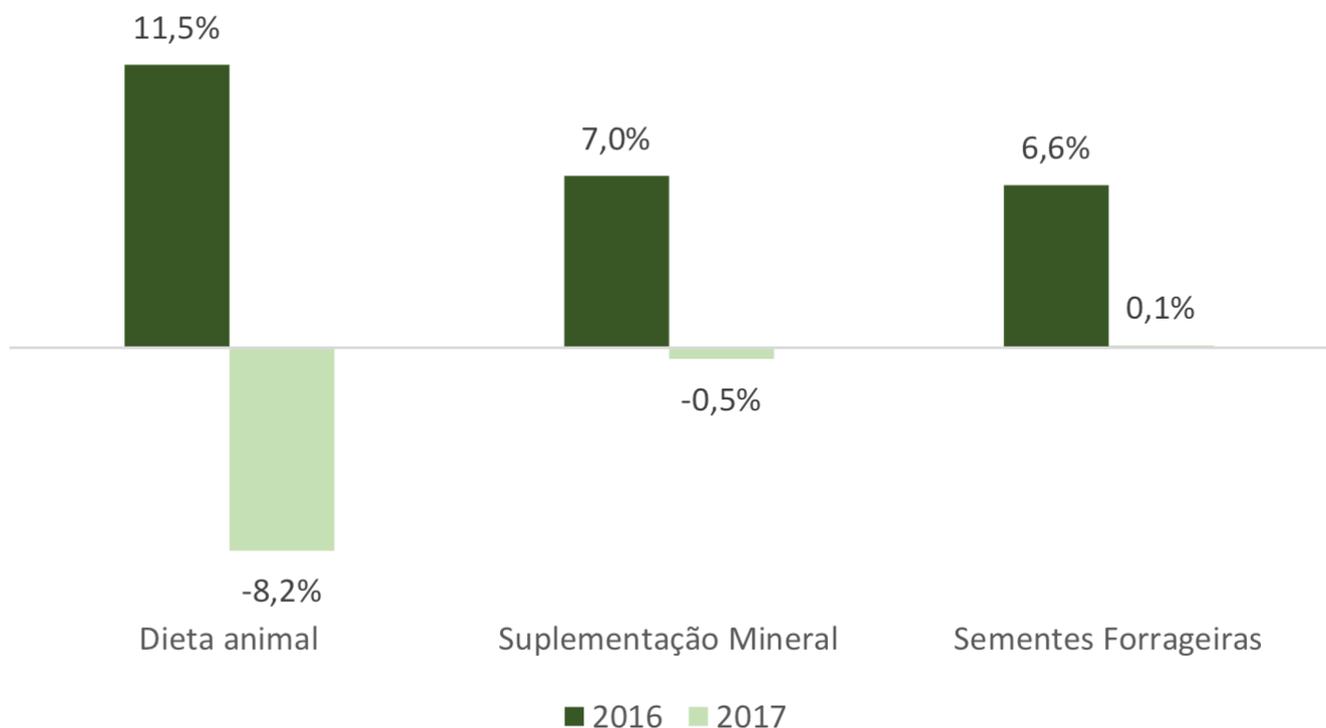


Figura 1: Variação de custos acumulada nos primeiros quatro meses de 2016 e 2017 para os grupos de dieta animal, suplementação mineral e sementes forrageiras.

Fonte: Cepea/CNA.

Variação Mensal e Acumulada (2016)

Estados	COE (1)		COT (2)		Boi Gordo R\$/@		Ponderações*
	Mar	jan-mar/17	mar/17	jan-mar/17	mar/17	jan-mar/17	
Bahia	-0,66%	-6,67%	-0,69%	-4,83%	-1,32%	-7,08%	5,70%
Goiás	1,58%	-1,20%	1,55%	-0,56%	-1,04%	-8,65%	12,27%
Minas Gerais	-0,21%	-2,74%	-0,19%	-2,20%	-2,08%	-9,26%	13,34%
Mato Grosso do Sul	-0,38%	-1,32%	-0,34%	-0,50%	-1,14%	-2,95%	11,96%
Mato Grosso	0,67%	-0,35%	-0,76%	-0,14%	-0,79%	-2,19%	15,99%
Pará	2,20%	1,43%	1,83%	1,47%	1,16%	-2,02%	10,35%
Paraná	-0,30%	-1,79%	-0,28%	-1,03%	-1,44%	-3,56%	5,24%
Rondônia	-0,09%	1,21%	0,13%	1,69%	-0,54%	-1,07%	6,80%
Rio Grande do Sul	-1,01%	3,80%	-0,80%	3,45%	-1,98%	0,51%	7,87%
São Paulo	-1,66%	-2,84%	-1,51%	-2,25%	-1,28%	-4,15%	5,99%
Tocantins	-8,22%	-6,69%	-7,12%	-5,40%	0,38%	-5,40%	4,50%
Brasil**	0,88%	0,01%	0,79%	0,37%	-1,15%	-4,01%	100%

* Corresponde ao quanto cada estado representa no total dos custos da pecuária no Brasil.

** Referente a 85,02% do rebanho nacional segundo o Rebanho Efetivo Bovino PPM / IBGE 2012. Valor da arroba considerado - Indicador Boi Gordo Esalq/BM&FBovespa - Estado de São Paulo.

1 - Custo Operacional Efetivo (COE)

2 - Custo Operacional Total (COT)

Fonte: Cepea/USP-CNA

Varição dos Principais Indicadores Econômicos

Indicadores	Jan/2017	Fev/2017	Mar/2017
IGP-M	0,64%	0,08%	0,01%
Acumulado Janeiro IGP-M	0,64%	0,72%	0,73%

Variações dos Preços dos Principais Insumos da Pecuária de Corte (2016)

Média Ponderada para BA, GO, MT, MS, PA, RO, RS, MG, PR, TO e SP

Grupos dos Custos	Ponderações COT	Variação mensal e acumulada			
	Mar/17	Jan	Fev	Mar	Jan - Mar
Bezerro e outros animais de reprodução*	45,48%	-0,91%	-2,94%	-4,63%	-8,26%
Suplementação Mineral	8,26%	0,33%	-0,19%	-0,24%	-0,01%
Dieta	3,21%	-1,93%	0,38%	-2,31%	-3,83%
Adubos e Corretivos	1,26%	1,59%	-0,75%	-0,80%	0,02%
Sementes Forrageiras	2,02%	2,14%	0,75%	-0,02%	2,89%
Máquinas Agrícolas	5,26%	1,45%	0,58%	1,08%	3,14%
Implementos Agrícolas	2,34%	-0,64%	17,64%	0,26%	17,19%
Defensivos Agrícolas	2,33%	-0,21%	0,56%	-0,07%	0,28%
Medicamentos - Vacinas	0,99%	0,37%	0,69%	0,06%	1,12%
Medicamentos - Controle Parasitário	0,65%	0,10%	0,76%	1,09%	1,96%
Medicamentos- Antibióticos	0,22%	0,63%	1,05%	0,92%	2,62%
Medicamentos em geral	0,21%	0,42%	0,33%	2,01%	2,78%
Insumos para reprodução animal	0,19%	-2,67%	-3,13%	0,06%	-5,66%
Mão de Obra	12,55%	6,48%	0,00%	0,00%	6,48%
Construção Civil	7,57%	-0,70%	0,57%	0,12%	-0,01%
Brinco de Identificação	0,00%	3,67%	-0,86%	-0,48%	2,29%
Outros (Energia, Administrativos, Utilitário)	6,61%				